

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

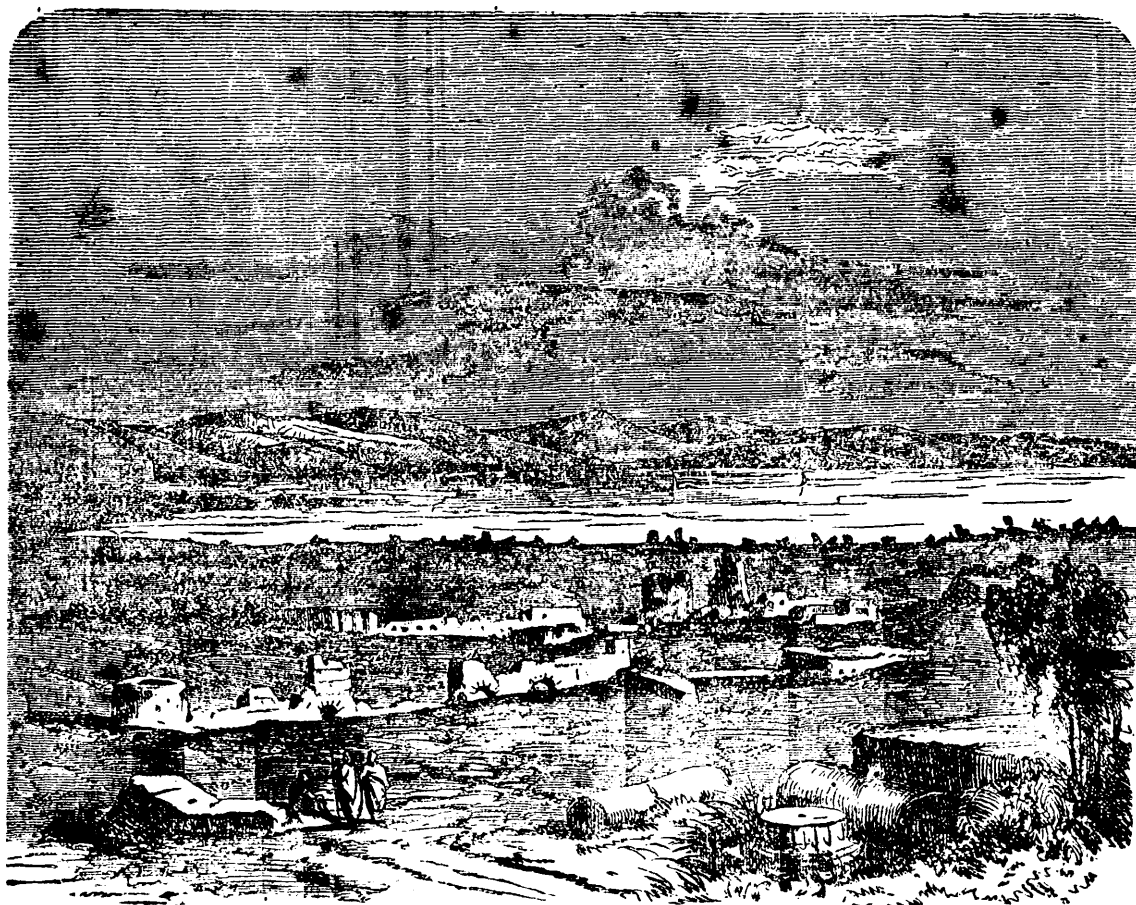
RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *Milicia Christã (XLIX) Amigos que a mem*, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO CRITICA: *Centenario do Padre Antonio Vieira*. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Bemfeita (Descrição estatística)*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Albino S. D. C. — SECÇÃO LITTERARIA: *Para memoria do 2.º centenario do Padre Antonio Vieira (S. J.)*, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Valle de Josaphat*; — *S. Hypolito, martyr*. — RETROSPECTO.

Gravuras: *Valle de Josaphat*; — *S. Hypolito, martyr*.



VALLE DE JOSAPHAT

## SECCÃO DOCTRINAL

## Milicia Christã

XLIX

AMIGOS QUE AMEM

VÃO muitos nescios buscar nos palacios dos grandes, amigos que os protejam, nas tapetadas salas dos ricos amigos que lhes dêem nas redacções dos jornaes, amigos que dêem nome na sala, no club, no botequim, na praça, no passeio, amigos que os bajulem; nós em toda a parte buscaremos amigos que nos amem.

O amor é um producto animico que vale bem mais que os palacios dos grandes, que os thesouros dos ricos, que as honras fatuas e que as bajulações miseraveis.

Viver n'um coração é bem melhor que passear nas mais sumptuosas galerias. Possuir o perfume d'um affecto nobre é bem melhor que vergar sob o peso do frio metal, o suave encanto de uma verdadeira amisade; vale bem mais que os refulgentes talcos pregados sobre o papelão da falsa nomeada e é mais formosa que as flôres e mais meiga que as brizas matutinas do mez d'abril.

Mas a verdadeira amisade no mundo egoista e sensual torna-se rara como as flôres no areal deserto e as fontes de crystalinas aguas nos terrenos paludres.

O egoista não serve para amigo, por que occupa o seu coração inteiro consigo mesmo e não tem espaço para abrigar seus irmãos.

O sensual ou apaixonado não sabe amar, porque apenas vae no seu amor buscando o recreio, mais ou menos justo, dos seus sentidos; e a verdadeira amisade é o recreio das potencias superiores da alma.

O egoista sente sómente as suas penas e pouco se afflige com as alheias.

O sensual vae arrotando amisade onde o prazer lhe sorri, e despreza o rosto onde as lagrimas apparecem.

Nem este nem aquelle nos servem para amigos.

Nós, os que militamos na milicia christã, buscamos os amigos entre os que vão nos caminhos da abnegação e do sacrificio, porque sómente n'estes descobrimos caracteres de verdadeiros amigos; sómente estes sabem e querem amar.

Amisades que só pairam onde o repouso dorme, as venturas correm, as delicias sorriem e os prazeres dançam, são amisades de borbuletas tontas. Não nos servem. Amigos que gostem partilhar das nossas alegrias e que se escondem na hora das nossas tristezas, são seus amigos, não o são nossos.

Na adversidade conhecem-se os ami-

gos porque se approximam e os bajuladores porque fogem.

O verdadeiro amor é como o fio electrico que põe em comunicação dois extremos, por fórma que o que n'um d'elles passa o outro o sente, como se fosse só um e a distancia d'um ao outro desaparecesse.

Um fio conductor dos mais nobres affectos é a amisade e uma corrente de nobre e santo amor é o fluido que o agita.

Ha na amisade qualquer cousa d'instinctivo a que chamamos sympathya, mas o seu fundo é todo racional, resultante d'ideias e affectos que nos vão na mente e no coração, e nem será ella verdadeira nem duradoura, quando essa semelhança não existe. Bem sei que a muitos mui diversos caracteres une a utilidade do interesse, mas essas mais que amisades são companhias de negocio e os seus membros amam o seu lucro e esse vão buscando.

A verdadeira amisade é desinteressada e nobre e quem a sente ama ao seu amigo, porque é bom, não pelo bem que lhe faz, e por vezes mais o ama quando mais lhe custa.

D'esta sociabilidade, que nos é natural, e que resulta da facilidade, que possuímos de comunicar as nossas ideias e affeições mediante a linguagem muda dos gestos, ou da palavra, surge a amisade, que nos leva naturalmente a amar a quem bem pensa ou nobremente sente.

Um verdadeiro amigo é um thesouro, alenta o pensamento e alegra o coração.

Para bem servir a uma pessoa amiga medita-se, discorre-se, põe-se em acção todas as potencias da alma e o coração nobre recreia-se em vêr essas potencias ao serviço de quem ama.

Mas o verdadeiro amigo busca sempre o que é bom para o seu amigo; se triste procura dar-lhe consolo, se perseguido protecção, se enfermo alivio, se desalentado esperança, se irado paciencia, e se o vê ir no erro sae-lhe ao caminho com a luz da verdade.

O bom christão deverá procurar os seus amigos entre os que humildemente crêem e piedosamente obram, porque sómente estes sabem bem amar, e saberão servir-nos de muito na milicia christã onde militamos.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## SECCÃO CRITICA

## Centenario do Padre Antonio Vieira

**A** CELEBRAÇÃO do bi-centenario do grande Padre Antonio Vieira revestiu um brilho que não era d'esperar.

Vamos informar os nossos leitores, o mais succintamente que nos seja possível, d'esta commemoração, aproveitando-nos das informações dadas pelos jornaes.

## As Conferencias

Fez a primeira o rev.<sup>mo</sup> snr. Conego Senna Freitas.

Segundo o nosso presado collega *A Nação*, e com elle quasi todos os jornaes, foi uma conferencia verdadeiramente notavel, que impressionou e entusiasmou o auditorio. O rev. Senna Freitas, se não estivera já considerado um grande orador, um dos nossos primeiros oradores sagrados contemporaneos, receberia a sua consagração por esta conferencia.

Disse o orador que, — «assim como um diamante só pode ser riscado por um diamante, assim tambem só um grande homem pôde fallar de um grande homem». E o Padre Vieira não podia encontrar melhor nem mais auctorizado panegyrista do que o rev. Senna Freitas. Com toda a justiça e rectidão, imparcialmente, conscienciosamente, o conferente estudou Vieira debaixo de todos os pontos de vista porque pôde ser estudado, em todas as manifestações do seu talento; como patriota, como orador, como politico, como missionario, como escriptor e como mestre dos mestres da lingua portugueza.

Um estudo completo e magistral.

Senna Freitas, em linguagem finalmente burilada, fez ver nitidamente a importancia da obra de Vieira. — O grande portuguez não foi um talento, não foi uma aptidão, mas muitas aptidões; não foi só uma vida, foi uma epocha. — O grande seculo XVII, que tantos talentos viu nascer, teve em Vieira um dos seus homens mais illustres. Ao passo que nos outros paizes, na França, na Italia e na Inglaterra floresciam talentos como Bossuet, Galileu e Shakespeare, em Portugal havia um só homem de merito, de merecimento real, que bastou para egualar o seu paiz aos outros paizes. Foi esse homem o Padre Antonio Vieira.

Mostrou depois o que foi como missionario o grande portuguez, as inclemencias e miserias que elle supportou resignada e voluntariamente internado nos sertões da Bahia, soffrendo as intemperies de um clima insupportavelmente inhospito. N'este ponto, um dos mais interessantes da conferencia, o orador disse-nos o que é a vida n'aquellas terras, onde já tambem permaneceu por espaço de dez annos.

De experiencia propria, pôde dizer o que alli se passa.

Tratou depois de Vieira como politico, accentuando a aptidão que elle tinha para a politica, o que já fez dizer

a um seu biographo que, se Vieira se dedicasse a esta carreira, daria por certo um Mazarino, ou um Richelieu. Fez vêr qual foi a sua missão diplomática, e a confiança que n'elle depositava a monarchia, e a sua constante preocupação de bem servir o paiz.

Como elle, orador, não quer lisongear Vieira, mas fazer d'elle um estudo tão completo e verdadeiro quanto possível, dirá que, como orador, lhe encontra defeitos e senões. No entanto, elle não podia fugir á tendencia da epocha; o gongorismo estava em moda, e o Padre Vieira pagou o seu tributo ao gongorismo.

Apezar d'isso foi um grande orador, um dos grandes oradores do mundo, e o maior orador do paiz. Se como orador de todos os tempos teve defeitos, como orador do seu tempo foi o primeiro, o mais notavel e illustre.

Como escriptor e mestre da lingua, não ha restricções a fazer. E' realmente o mestre dos mestres da lingua. Os seus sermões e as suas cartas são monumentos valiosissimos da litteratura portugueza. Quem seguir bem o Padre Vieira nos seus escriptos não receie mal; escreverá sempre o melhor e mais puro portuguez.

Tem-se querido acousal-o de excessivamente minucioso. Mas—e aqui outra eloquentissima passagem—é preciso estudar o homem tal qual elle é, em concreto, com todos os seus defeitos e com todas as suas qualidades. Se elle não fôra excessivamente minucioso, não teriamos aquellas admiraveis descripções do *Estatuario, dos Peixes Voadores, da Guerra, do Não* e de tantas outras preciosidades. Como Victor Hugo, que não nos daria, se não padecera do mesmo mal, aquellas bellissimas paginas do *Canho* e do *Polvo*. Em Vieira é impossivel encontrar-se um erro de grammatica, um solecismo ou um barbarismo. Todas as pesquisas n'este sentido teem sido inuteis até hoje.

E' pois mais do que justo o centenario, o pagamento da grande divida nacional em aberto. Se depois dos seus esforços, para fazer a imparcial biographia de Vieira, não forem todos os que o escutaram ao templo, a render graças ao Deus por nos dar tamanha gloria, então é certo que estamos no reinado do snobismo; e será razão para desanimar.

O final da conferencia foi magistral, superior, soberbo, arrebatador, enthusiasmando em alto grau a assembléa, que se agitava electrisada por tamanha eloquencia. Quando a magnifica peça litteraria fôr publicada, os leitores dirão se são exaggeradas as nossas palavras. O notabilissimo conferente concluiu assim:

—E se acharem o Padre Vieira antigo, archaico, fossil, dêem-lhe um outro nome: chamem-lhe o *Padre Neuvones!*

Uma estrondosissima salva de palmas, que durou alguns segundos, acolheu as ultimas palavras do eloquentissimo orador, cuja conferencia foi um verdadeiro acontecimento litterario, e o melhor e mais persuasivo argumento a favor do centenario.

O snr. conego Senna Freitas foi muito cumprimentado pelas pessoas presentes.

### 2.ª Conferencia

A segunda conferencia foi feita pelo snr. major José Fernando de Souza.

Como a antecedente, foi uma conferencia devéras notavel, digna do grande vulto que se glorificava tão entusiastica e sentidamente.

A vasta sala do Atheneu encheu-se por completo, e quando, pelas nove horas da noite, o conferente subiu ao estrado, já quasi não havia um logar desoccupado, concorrência extraordinaria que excedeu a expectativa de todos.

Vieira, o genial vulto do seculo XVII, o patriota sem macula, sem nodoa, o grande amigo de Portugal, ficou perfeitamente desaggravado de todas as calumnias perfidas com que alguns chamados portuguezes teem denegrido a sua memoria venerada. Uma critica serena e imparcial estudou minuciosamente a sua missão de politico, e os seus actos de patriota.

Prestou-se homenagem ás boas intenções com que sempre, e em todas as circumstancias, obrou Vieira; á sua dedicação inexcedivel pela Patria, ao seu talento politico, á sua sagacidade, ao seu engenho, á sua grande dedicação.

O illustre conferente, que a numerosissima assembléa escutou em religioso silencio, que apenas quebrava para o applaudir, ou apoiar nas suas affirmações, estudou a epocha em que viveu Antonio Vieira, enumerou um por um todos os grandes serviços que elle prestou ao paiz, e todas as negociações de que foi incumbido pelo monarcha restaurador.

Fez ver como o grande portuguez se desempenhou sempre habil e distintamente de todas as missões de confiança que lhe encarregavam. Com respeito ás allianças matrimoniaes,—que eram uma necessidade da epocha, o unico recurso para que se appellava, em situações criticas,—as quaes teem valido ao Padre Vieira graves accusações, historiou-as minuciosamente, e mostrou como, onde os detractores do Padre Vieira veem traição, só ha realmente desinteresse sem igual e patriotismo estreme.

O conferente opulentou a sua esplendida conferencia de amiudadas citações de Vieira, e do seu biographo, bem insuspeito, Francisco Lobo, que calaram profundamente no animo da assembléa.

No final do seu brilhante discurso, Fernando de Souza recebeu uma prolongada e calorosissima ovação, sendo muito cumprimentado pelas pessoas presentes.

### 3.ª Conferencia

Como a precedente, esteve immensamente concorrida a conferencia do digno secretario da commissão promotora, major Fernando de Souza.

O conferente encarou Vieira como moralista, e desenvolveu se brilhantemente, lendo ameúde trechos dos sermões e cartas do grande orador, para corroborar a sua opinião. Esses trechos, joias do mais fino quilate, enthusiasmaram a assembléa, causando optima impressão.

Fernando de Souza começou por explicar as suas palavras de critica, na primeira conferencia, a Pinheiro Chagas e Theophilo Braga, fazendo justiça ás boas intenções e sinceridade do primeiro, e atacando com todo o vigor e justiça o snr. Theophilo pela sua paixão e intolerancia, que o leva a deturpar factos e falsear a historia, contribuindo assim, com o seu procedimento repassado da mais revoltante má-fé, para a guerra que se tem movido ao centenario. A assembléa recebeu muito bem estas palavras do illustrado conferente.

Em seguida, fez vêr, lendo de vez em quando trechos dos mais admiraveis sermões de Vieira, o despreendimento, a moral verdadeiramente evangelica, a caridade inexcedivel, a audacia extraordinaria e assombrosa do grande prégador e missionario. Mostrou a nobreza do seu character, e as suas virtudes eminentemente christãs, descrevendo o que Vieira padecou com a Inquisição, e o seu empenho e zêlo pela liberdade dos indios.

Fernando de Souza concluiu por dizer que todos devem seguir os edificantes exemplos de Vieira, e erguen um entusiastico viva á Patria e outro á memoria respeitavel do glorioso portuguez, a que a assembléa correspondeu calorosamente.

Ao terminar, o conferente foi phreneticamente applaudido e cumprimentado.

### A inauguração da lapide

Rezou-se no dia 20, pelo meio-dia, na Sé Cathedral, uma missa suffragando a alma do Padre Antonio Vieira, e procedeu-se em seguida á inauguração da lapide commemorativa do centenario.

A lapide foi descoberta pelo sr. Bispo-Conde, tomando em seguida a palavra o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, presidente da commissão, que, agradecendo a honra de ter sido escolhido para presidir áquella solemnidade tão justa, se declara admirador entusiasta de Antonio Vieira, sem duvida alguma um grande character, e um amigo devotadissimo do seu paiz, a quem serviu com todo o empenho.

E' motivo para obstaculos a esta patriótica commemoração o facto de o Padre Vieira ter cingido uma roupeta? Mas uma roupeta vestiu tambem S. Francisco Xavier, o grande apóstolo da humanidade, ali venerado e respeitado ainda hoje pelos seus serviços e benemerencia.

Somos corajosos e atrevidos em manter o prestigio do nosso nome, como ainda ha pouco mostramos em Africa, mas bastante covardes em reconhecer o merito e prestar homenagem aos servidores do paiz.

Felizmente não tem d'esses preconceitos, e exulta de vir ali, com toda a devoção, tomar parte no preito de admiração ao grande Padre.

Escuta apenas a voz da sua consciencia, que lhe manda pagar aquelle tributo ao filho benemerito da Patria, e que, embora peccador, vicioso e bem diferente do homem cujas virtudes reconhece e admira, tem orgulho em ser, como elle, «um amigo dedicado do seu paiz.»

Ao terminar, o sr. Thomaz Ribeiro foi muito applaudido e cumprimentado.

Depois, o sr. Bispo-Conde de Coimbra agradeceu ao orador precedente as amabilidades com que o havia distinguido, e em phrase eloquente referiu-se ao Padre Antonio Vieira com todo o entusiasmo de um portuguez que vê n'este uma das maiores glorias da patria, concluindo por dizer que, «quanto se falar a bella lingua portugueza, ha de ser citado e admirado o Padre Vieira».

Foi muito applaudido.

#### Discurso do sr. Conego Senna Freitas

Falou por ultimo o sr. Conego Senna Freitas, que pronunciou a seguinte oração:

«Senhores.—E' uma hora da tarde. Ha duzentos annos, no dia 18 de julho de 1697, a esta mesma hora, fallecia na cidade de S. Salvador do Brazil o Padre Antonio Vieira; e Portugal, reconhecido á benemerencia do seu illustre compatriota, veiu pagar-lhe uma divida nacional, ainda até hoje em aberto.

«A' bellissima allocução do sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, só tenho a

acrescentar uma palavra como representante do digno cabido, do qual sou o ultimo conego em todos os sentidos, e como representante do clero portuguez de que faço parte.

«Senhores; o momento é solemne. N'esta mesma freguezia, em cuja séde nos achamos, nasceu o Padre Antonio Vieira: a alguns passos d'este atrio está a pia onde elle recebeu a agua lustral que o constituiu filho de Deus e da Egreja, e diante dos meus olhos eleva-se a lapide commemorativa que uma subscripção nacional mandou gravar em perpetua e gloriosa memoria d'esse morto immortal, que teve no seculo o nome de Antonio Vieira.

«Senhores, sinto-me feliz de exercer n'este momento, embora muito de passagem, o ministerio de orador em honra d'aquelle que é o orador por excellencia da Egreja Lusitana e o maior luminar do pulpito portuguez. Sinto-me feliz de votar hoje o emprego da minha lingua áquelle que me ensinou magistralmente a manejar a minha lingua, que por espaço de trinta annos, assim em Portuga' como no Brazil, tem sido para mim o que Virgilio foi para o Dante:

*«Tu sei il mio maestro e il mio outore, o meu mestre e o meu guia. A'quelle que foi a fonte d'onde derivou o largo rio da nossa bella lingua-gem che esgrande di parlare il largo fiume».*

«O clero, a cuja milicia pertenceu Vieira, de quem foi e continua a ser o orgulho e a gloria, applaudiu phreneticamente o pensamento de celebrar-se no dia de hoje o bi-centenario do gigante da tribuna sagrada e do idioma vernaculo; o clero cotisou-se para que se cantasse um solemne *Te-Deum*, e se mandasse esculpir uma lapide commemorativa do referido centenario, a fim de que esta, sobrevivendo ao presente seculo, dissesse ás edades porvindouras que não passou despercebida para nós a data memoravel de 19 de julho de 1897; modesta como aquella pedra, mas perpetua como ella, é a nossa gratidão symbolisada no mar-more.

«Todavia, esse pequeno monumento, aqui trazido e collocado ainda mais pelo nosso coração do que pelas nossas mãos, será sufficiente a provar que só o egoismo passa e só a banalidade e a inutilidade da vida são esquecidas; prova que o genio, a actividade util, o zelo, a dedicação, o patriotismo, quando attinja as proporções d'aquelle gigante, sobrenadam ás distracções dos povos, ao dente carcomidor do tempo, á chimica dissolvente do sepulcro, nas paginas da historia, nos monumentos de granito, nas homenagens das gerações que se succedem, personificadas

em homens como Francisco Alexandre Lobo, Alexandre Herculano, Latino Coelho, Camillo Castello Branco e Oliveira Martins.

«Haja vista os trechos d'estes auctores, reproduzidos no numero de hoje da *Nação*.

«E se alguns dos que aqui me estão ouvindo se lembrarem de reproduzir as minhas palavras, ainda que não seja senão em resumo, peço-lhes que se refiram a estes ultimos e digam que mal vae a sectarios obsecados acoimarem de mediocridade a Vieira quando tão singulares talentos, mais evidentes do que elles, assim o preconisaram.

«Em nome, pois, do clero, eu agradeço profundamente commovido e com toda a expansão da minha alma ao grande Vieira o relevo que communicou á minha classe e o fulgor que a aureola do seu nome reflecte sobre ella.

«Quero concluir, vou concluir, senhores, mas parece-me que ainda alguma cousa resta dizer.

«Se da porta d'este templo que não do alto d'aquella tribuna me é permitida uma referencia de natureza puramente religiosa, e direi mesmo piedosa, possa o nosso insigne patriota, que já de ha muito vê sem duvida a face de Deus, interceder por esta sua querida patria, tão esquecida hoje da sua antiga pujança para que a alma nacional contemporanea se retempere a valer nos sentimentos d'essa alma nobre e tão portugueza do nosso Vieira.»

#### A lapide commemorativa

A lapide que a commissão do bi-centenario mandou gravar é assim concebida:

*Na freguezia da Sé de Lisboa*

*Aos 6 de fevereiro de 1608*

*De Christovam Vieira Ravasco*

*E de Maria de Azevedo*

*Nasceu*

**PADRE ANTONIO VIEIRA**

*Da Companhia de Jesus*

*Missionario, Politico, Classico, Moralista*

*Orador,*

*Defensor dos fracos e dos opprimidos*

*Sempre patriota*

*Espelho de virtudes christãs*

*Ornamento e gloria da nossa boa terra*

*Portugueza*

—

*Esta memoria se mandou aqui pôr*

*Aos*

*18 de julho de 1897*

*2.º centenario do fallecimento do Padre*

**ANTONIO VIEIRA**

*Na cidade da Bahia*

**O discurso do sr. Arcebispo  
d'Evora**

Foi imponentissimo. Por este resumo se pôde avaliar o que elle foi:

Ha pouco mais de quatro seculos viram a luz do mundo n'esta cidade de Lisboa e receberam n'este baptisterio da Sé a ablução que os libertou da culpa original, dois infantes que a Providencia destinou para representarem duas das maiores glorias de Portugal. Um recebeu na pia do baptismo o nome de Fernando, que mais tarde trocou pelo de Antonio; outro recebeu o nome de Antonio, que conservou sempre. Aquelle foi e é Santo Antonio de Lisboa; este foi o Padre Antonio Vieira. Ha dois annos, a côrte e o reino celebraram o quinto centenario do nascimento do primeiro; hoje celebra-se modesta mas significativamente o bi-centenario da morte do segundo.

Exulta, patria, que taes filhos tivestes! Exulta, Rainha do Occidente, que possuistes esses dois insignes Antonios, ambos grandes pelo talento, pelo saber, pela eloquencia, pelas obras e pelas virtudes!

Ao Padre Antonio Vieira falta ainda, é certo, a aureola da santidade, mas, sem desacatar os altos designios de Roma, seja-lhe permittido dizer que não lhe faltam direitos para a possuir. Bastaria para isso a heroicidade na virtude de que tantas e tão significativas provas deu durante a sua vida. Entre Vieira e Santo Antonio são innumerados os pontos de contacto. Como o glorioso thaumaturgo, foi Vieira religioso devotado, missionario sublime, mestre de eloquencia, orador altissimo; como elle desejou o martyrio, como elle maravilhou Roma e o Papa, como elle proporcionou honra e gloria a Portugal. E' justo que lhe paguemos a divida sagrada, que tinhamos em aberto, como a pagámos a Antonio, santificado quando ainda não tinha decorrido um anno sobre a data da sua morte.

Vieira foi colossal. A sua vida longa, fecunda, trabalhada e productiva, servida por uma palavra de luz e por um talento de fogo, encheu, por assim dizer, o seculo XVII. Nem sempre, porém, elle tem sido apreciado, como merece, porque uma campanha feroz e apaixonada e cruenta está travada contra a sua memoria para a denegrir. Respeita as opiniões sinceras, mas repugna-lhe o imperio da calumnia e da má fé. E' tempo de fazer justiça; é tempo de erguermos o pedestal que merece esse prodigioso orador, esse extraordinario epistolographo, esse nobre character, esse politico eminente, esse diplomata insigne, esse classico

notabilissimo, esse homem que mereceu a um biographo desapaixonado o qualificativo d'um dos varões mais benemeritos da nossa patria.

O Padre Antonio Vieira foi um d'esses homens que custam á natureza tal esforço, que ella, depois de os produzir, fica exhausta durante seculos, sem forças para outro commettimento igual, sem fecundidade para mais. Guardadas as devidas distancias entre Vieira e a divindade, pode d'elle dizer-se o que se disse de Jesus de Nazareth; *Foi poderoso nas obras e nas palavras perante Deus e o povo todo.*

A opinião malevola e odienta tentou demolir Vieira como quiz apoucar Santo Antonio. Baldado empenho. A gloria do grande portuguez impõe-se e resiste a todos os detractores.

O seu discurso não é uma oração funebre, nem um elogio historico, nem um panegyrico. E' mais uma apologia, para o que lhe basta deixar fallar a sua sinceridade, o seu coração, sem hyperboles, que d'ellas não ha mister o grande Padre. Vieira, com as suas palavras e as suas obras, o seu talento e a eloquencia da sua acção foi o genio ao serviço do bem.

Graças sejam dadas a Deus por ter concedido a Portugal um tal filho, um cidadão tão benemerito, um diplomata, um missionario, um classico, um orador d'aquella poderosa envergadura.

A sua palavra é modesta de mais para a grandeza do assumpto. Mas também n'uma simples gota de agua se reflecte todo o brilhantismo d'uma estrella.

Fará os maiores esforços para ser um photographo de Vieira. E a photographia, por muito imperito que seja o artista, quando ajudada pelos bons raios solares, sempre reproduz, com fidelidade relativa, o original.

Não temos o direito de chamar santo ao Padre Antonio Vieira, servidor dedicado do paiz, cuja vida foi quasi secular e cuja actividade foi quasi sobrenatural. Não podemos, porém, negar-lhe o titulo de virtuoso.

Terminado o exordio, o sr. arcebispo de Evora agradeceu a todos os assistentes a sua presença, que representa um claro testemunho de fé e de desassombro.

Entrou em seguida no discurso, que, como as palavras precedentes, foi primoroso, e do qual só podem dar uma pallida idéa os rapidos apontamentos, que vamos desenvolver.

A egregia personalidade de Vieira teve por moldura uma epoca muito interessante e muito agitada da nossa historia, epoca de dôr e de esperanza, de ignominia e de anciedade. A decadencia politica estava na razão directa do abatimento da litteratura, que é

um thermometro infallivel. O seculo XVII, pobre, miseravel, safaro, salvou-se apenas entre nós por tres homens eminentes, que foram tres glorias do clero: Fr. Luiz de Souza, o suavissimo estylista; Jacinto Freire de Andrade, o notavel historiador, e Antonio Vieira, de quem fallamos hoje. Se Luiz de Sousa tinha as delicadezas de Raphael e Freire de Andrade o colorido de Rubens, Vieira pode bem comparar-se a Miguel Angelo.

Raras vezes se fundem n'um só homem predicador como os que possuia o grande sacerdote. Orador primacial, que avassallava e seduzia, esbelto, fronte altiva e pura, aprumo nobre, tinha o ar magestoso de quem sabe dominar, conquistar, vencer. Espirito culminante, intelligencia vasta e maleavel, memoria prompta, engenho primoroso, sciencia profunda, actividade excepcional, talento raro e sublime, abordava as questões e em todas as materias se distinguia e impunha, imprimindo-lhes a nota dominante da clareza e da logica.

Contemporaneo de Bossuet foi seu digno competidor. E não é elle, orador, quem tem a iniciativa da affirmacção. Deve-se ella a um escriptor francez, que fez o paralelo entre os dois gigantes da tribuna sagrada, paralelo adequado e justo. Não o cega o patriotismo a ponto de dizer que Vieira foi superior a Bossuet; mas a justiça não consente que se diga que elle lhe foi inferior em coisa alguma.

Bossuet viveu em outro meio e d'isso se resentiu. Vieira era mais accidentado, mais pittoresco.

Bossuet era o mar magestoso; Vieira pode melhor comparar-se a esse possante e caudaloso rio, o Amazonas, que tantas vezes ouviu o seu verbo inflammado. A sua palavra, abundante e purissima, que espuma, espadana, corre e vence todos os obstaculos, tem o colorido da vegetação luxuriante do seu Brazil muito amado.

Dizem que o Padre Antonio Vieira tem defeitos e senões? Qual é o homem que os não tem? Pois não tem manchas o proprio sol? Todavia, na sua opinião, onde os outros acham defeitos vê elle excessos; excessos da originalidade do seu espirito, da exuberancia d'aquella seiva, do aprumo d'aquella engenho portentoso. E' preciso attender á epoca e ao meio em que Vieira viveu. Reinava o gongorismo. O grande sacerdote conhecia o mal, mas não pôde subtrair-se ao seu dominio. Não pôde? Talvez não quizesse. E não quiz, não. Ha muitos argumentos que o provam.

Na oratoria sagrada o deleite não é um fim, mas é um meio. Torna-se necessario agradar aos ouvintes para

lhes inculcar as doutrinas sãs e puras; dar ao auditorio o alimento sólido, substancial, mas n'um involucre agradável, tentador, que o attraia sem que essa transigencia vá ferir e prejudicar a pureza e elevação da doutrina ministrada. E' um preceito da oratoria de todos os tempos.

Vieira ostentava, ás vezes, o oiro falso não porque não soubesse que o era, mas porque tinha que tratar com quem o preferia ao verdadeiro. Seria isso erro ou má fé?

E' incontestavel o enthusiasmo que o virtuoso sacerdote accendia onde prégava. E que variedade de theatros elle teve para desenvolver os seus sermões admiraveis! Em Lisboa, na presença do rei e da côrte; em Roma, ante o Pape, os cardeaes e a rainha da Suecia; nos sertões brasileiros, em frente de 100:000 selvagens, que a seus pés depunham armas e flechas, que o amavam e veneravam e que lhe chamavam o *grande Padre*.

Outra qualidade ha, tambem, incontestavel, em Vieira: a firmeza intemerata da sua doutrina catholica, a firmeza inquebrantavel da orthodoxia. O seu espirito vivo e subtil parecia tallado para transpôr os limites que a fé impõe á razão humana; para descobrir e abraçar novos systemas; para se lançar á conquista de arrojados ideaes. Elle, porém, conteve-se sempre dentro das doutrinas e das maximas da Igreja. Viajou em França, na Inglaterra e na Hollanda, leu, estudou, illustrou o seu espirito, o mais que pôde, sem nunca se desviar da sua primeira crença.

Ha ainda em Vieira outras glorias: a pureza da vernaculidade, a propriedade dos epithetos e dos verbos; o rigor impeccavel das formas grammaticas; o primor, enfim, da sua soberba linguagem. Foi o nosso primeiro classico em prosa como Luiz de Camões o foi no verso. Haja vista Candido Lusitano, que diz nunca ter havido penna d'aquelle aparato, conhecedor mais profundo de todos os mysterios e de todas as subtilidades da lingua.

Quer tratando das altas doutrinas da Religião, quer dos graves problemas politicos, quer de meras futilidades em cartas intimas, a sua prosa era sempre casta e licima, abundante e crystallina. As suas cartas! Só podem comparar-se, na antiguidade, ás de Marco Tulho, nos tempos modernos ás de madame Sevigné.

O Padre Antonio Vieira foi um grande orador, um notavel classico, um poderoso mestre da lingua. Teve a gloria da palavra, mas, superior a ella, talvez, teve a gloria da acção, menos conhecida, mas mais admirada por elle, orador, distinguindo-se como gran-

de cidadão, como finissimo diplomata, como fervido religioso e como apostolico missionario. Sob esse quadruplo aspecto amou e serviu a sua patria como poucos. Quando elle surgiu era critico o momento historico. Despertara a nação, ao clamor da independencia, mas o quadro era desolador, por falta de elementos para a consolidação da conquista da nossa liberdade.

O thesouro depauperado, o exercito sem homens, as colonias em risco de serem perdidas, as bibliothecas devastadas, muita gente util hesitante no caminho a seguir, a ameaça constante da Hespanha, sobressaltos e perigos por todos os lados... Pois Vieira a tudo acudiu e tudo remediou, obrando maravilhas. Dir-se-ia que o seu alto critério, a sua actividade e o seu patriotismo se multiplicavam, operando prodigios. Percorria a Europa; com a sua simples assignatura n'um bilhete arranjava dinheiro, tal como D. João de Castro empenhando os cabellos da propria barba; armava galeras, preparava os meios de fazer a guerra á Hespanha, fundava as companhias commerciaes, etc. Ministro sem pasta, embaixador sem credenciaes, como lhe chamam, foi o melhor amigo de D. João IV e serviu a sua patria como ninguém.

Errou, é certo, mas errou por patriotismo. Levou-o a isso a sua ideal aspiração da hegemonia de Lisboa; caiu na aspiração do quinto imperio, que foi o sonho d'um grande coração e o delirio d'um genio.

Sem deixar de reconhecer o proprio merito o Padre Antonio Vieira foi sempre simples, humilde, desprendido, obedienssimo, amando sobre tudo a sua roupeta pobre, mas sem macula, remendada, sim, mas impolluta. Ah! essa roupeta! Como ella atemorisa alguns pretendidos espiritos fortes! Chamam-lhe mortalha negra. Mortalha, sim! Cobriu um corpo que abrigára uma grande alma. Negra. Mas apesar de negra era translucida, deixava transparecer a nobreza d'aquelle coração bondoso, como o manto da noite permite que vejamos a scintillação das estrelas.

Em seguida o illustre Prelado defendeu a Companhia de Jesus, de que Vieira foi um dos filhos mais dilectos, das accusações injustas dos seus detractores, que se comprazem em considerar, como coisa pavorosa, como um perigo para o progresso, esse batalhão sagrado do catholicismo, que attrae sobre si o maior quinhão dos odios vibrados contra a Igreja, porque está mais proximo do inimigo, porque occupa os postos avançados. Desde que Santo Ignacio de Loyola fundou a Companhia, até hoje, nem um dia de tre-

guas, nem uma hora de bonança, nem um dia de repouso. Sempre a lucta, que no dizer de Monsenhor Freppel é a razão de ser da Companhia de Jesus e a sua justificação na historia.

O orador defendeu ainda, com desassombro e coragem, a Companhia de Jesus, e os serviços por ella prestados á causa da civilisação e da Igreja; e, com uma coragem ainda mais rara, teve palavras de grande severidade para condemnar a inquisição portugueza, que abusou da sua missão, abstrheu poderes que lhe não competiam, e praticou grandes iniquidades. Esta dupla nota é bastanta para caracterisar, n'um duplo aspecto, a nobre independencia do orador, e a firmeza conscienciosa das suas convicções.

Proseguindo, o snr. arcebispo de Evora disse que o Padre Antonio Vieira amou sobretudo o seu instituto porque elle lhe proporcionava a realisação do seu ideal, do seu primeiro amor, do seu voto da adolescencia: as missões entre os selvagens do Brazil; o santo ministerio de diffundir a luz civilisadora e religiosa entre os indios nomadas e escravizados. A sua caridade heroica operou prodigios, apenas comparaveis aos do seu contemporaneo S. Vicente de Paulo, cuja festa a Igreja celebra hoje. Longas jornadas, atravez o sertão, sob um sol ardentissimo, o perigo das feras, as ciladas dos homens, as privações, as torturas, nada o fez desanimar. Luctou corajosamente contra a escravatura, contra os colonos, contra os traficantes de carne humana, e até contra alguns governadores seus cursulicos. Mas como está escripto, que não pôde haver grandeza moral sem ser unvida com lagrimas e consagrada com soffrimento, Vieira soffreu muito, foi atrocemente perseguido, sobretudo pela Inquisição, cujos processos elle queria melhorar, pela Inquisição portugueza que, ao contrario da romana, commetteu infamissimos abusos.

Depois vieram os soffrimentos physicos, com o andar dos annos.

Não podia ler nem ouvir ler, mas, ainda assim, dictava aos amanuenses os seus magnificos sermões, dictava-lhes essa maravilha da *Clave dos Prophetas*.

Extinguiu-se, por fim, aquelle luminoso espirito. E Vieira, ao morrer, podia bem ter dito como o apostolo: *Combati o bom combate, preenchi a minha carreira, fiz justiça. Mereço, pois, a corôa da gloria.*

Essa corôa merece-a bem e ha-de alcançala, por certo. Entretanto, como a alma do Padre Antonio Vieira talvez precise ainda das nossas orações, oremos por ella, oremos por esse homem



S. HYPOLITO, MARTYR

que, como disse um notavel escriptor, «deu lustre, esmalte e orgulho á nossa lingua para emquanto ella fôr conhecida no mundo».

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 162)

CCLXXXVI

P. Gil Francisco Beauvais

**ENTRE** os numerosos escriptores asceticos que produziu a Companhia de Jesus, desde a sua creação até aos nossos dias, deve contar-se o P. Gil Francisco Beauvais, nascido na Bretanha (França), no anno de 1693.

Este jesuita é uma das grandes cele-

bridades n'este genero de litteratura que se occupa da direcção das almas no caminho da perfeição christã.

Como já notamos em outra parte, são admiraveis os trabalhos litterarios dos jesuitas sobre a theologia mystica: as suas obras a este respeito, as mais conhecidas e divulgadas, gosam d'uma popularidade que ninguem tem ousado contestar-lhes.

Os livros de piedade que tem produzido a Companhia de Jesus, com razão póde afirmar-se, são talvez em maior numero do que os de theologia dogmatica e polemica, ou d'outra qualquer sciencia: e são obras primorosas.

Mas assim era d'esperar d'uma congregação composta de homens tão piedosos, cujo instituto tinha por ultimo fim a santificação de seus membros e a perfeição christã.

E esta observação quadra igualmente a todas as Ordens religiosas.

Os jesuitas tiveram grandes theologos, controversistas, philosophos, his-

toriadores, poetas, mathematicos, etc.; mas sobretudo houve entre elles eminentes mysticos, como naturalmente devia haver.

Vamos ao P. Gil Francisco Beauvais, de quem agora tratamos. Era um homem de saber extenso, d'uma piedade exemplar. Falleceu em 1770.

Deixou varias obras espirituaes que manifestam a sua sabedoria, o seu zelo, a solidez do seu espirito e a sua experiencia na direcção das almas.

Mais. O jesuita Beauvais escreveu um poema latino intitulado *Educação d'um grande rei*.

Mais. Elle escreveu uma historia ecclesiastica da França e uma grammatica franceza. E tambem publicou varias biographias.

De maneira que este jesuita foi um grande mystico, poeta, grammatico e historiador.

CCLXXXVII

P. Estevão Souciet

Contemporaneo do antecedente foi o P. Estevão Souciet, tambem francez, illustre missionario na China e nas Indias, e um dos maiores sabios do seu tempo, consultado por todos como um oraculo.

Nasceu em Bourges em 1671, e, abraçando a vida religiosa na Companhia de Jesus, foi professor de rhetorica e theologia na mesma Congregação. Pelo seu character amavel e por seus vastos conhecimentos nas sciencias, principalmente em linguas, era estimado de todos.

Missionou algum tempo na China e nas Indias, e afinal foi nomeado bibliothecario do Collegio de Luiz o Grande em Paris. Morreu piamente no anno de 1744.

As suas obras, que versam sobre astronomia, chronologia e critica, são muito curiosas e cheias de erudição, e foram muito procuradas, pela justeza e exactidão com que estão escriptas.

E' tambem muito estimavel o livro em que o jesuita Souciet trata da Escripura sagrada.

Por tudo isto se fez benemerito da Igreja.

(Continúa)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## Bemfeita

### Descripção estatística

(Continuado de pag. 164)

**LUIZ DE PAZ.**—A sua séde é na villa de Coja, na antiga casa dos Paços do concelho, sita á Praça, onde as audiencias se fazem todas as segundas e quintas feiras de cada semana ás 10 horas da manhã, ou nos dias immediatos, sendo aquelles feriados ou sanctificados. O julgado de Paz, bem como a area do tabellião de Coja, compõe-se das freguezias de Coja, Villa-Cova, Cerdeira, Bemfeita, Anceriz, Pomares e Piodam (Edital lido á Estação da Missa Conventual na Igreja Matriz a 17 de Dezembro de 1893).

**Logares da freguezia.**— Bemfeita, (Capital) Enxudro, Montefrio, Relva Velha, Deflores, Dreia, Serdal, Pardeiros, Luadas, Pizão, Pae das Donas, Degalego, Casal da Demieiro, Valle Fagueiro, Casal das Luadas e Misarella. (O Enxudro teve primeiro o nome de Enxido).

**Local.**—A Bemfeita está situada em um valle d'onde não se descobrem outras povoações (vid. *Portugal Antigo e*

*Moderno* de Pinho Leal na palavra «Bemfeita»).

**Matta.**—Na Bemfeita ha a importante matta da Margaraça, composta de castanheiros, carvalhos, avelleiras e outras arvores.

**Povoações mais proximas da Fronteira de Hespanha.**—Montefrio, Relva Velha, Enxudro, Serdal.

**Padroeira ou orago.**— Sancta Cecilia, que se venera a 22 de Novembro.

**Parochos.**—O 1.º Parocho collado foi Luiz Bernardo Soares em 1789; 2.º foi Antonio das Neves e Souza Pimenta de Coja, ministro do Baptismo do auctor d'estas linhas (1841 a 1894); o 3.º foi Joaquim Florindo Soares Correia; o 4.º o actual Alfredo Nunes de Oliveira. Além d'estes houve os seguintes encomendados:

1830 José Gregorio, cujo irmão Manuel Affonso foi casado com uma tia paterna do auctor d'estas linhas.

1834 João Antunes Leitão de Vinhó, e que foi depois Parocho de Avô, concelho de Oliveira do Hospital.

1837 João Nunes Brandão.

1840 José da Costa de Moura e Gouveia.

1854 Manuel Duarte dos Santos, que falleceu Parocho collado em Celavisa, concelho de Arganil.

1855 Antonio Soares Correia.

**Presbyteros.**—Esta freguezia, assim como a de Coja e Cerdeira (vid. *Amigo da Religião*, pag. 1429) teve antigamente muitos presbyteros a maior parte parentes paternos e maternos do auctor d'estas linhas.

Actualmente tem:

Padre José Simões Dias, Arcediago da Sé de Coimbra, primo paterno do auctor d'estas linhas.

Padre José Joaquim Gonçalves da Costa, que foi discipulo do auctor d'estas linhas, vigario da freguezia do Sarzedo, concelho de Arganil e actualmente Prior collado em Sinde, comarca e concelho de Taboa.

Padre Antonio Dias, Parocho collado na freguezia de Trouxemil.

E o auctor d'estas humildes linhas.

Professores de instrucção primaria, vid. *Escola*.

**Producções.**—Azeite, milho e castanhas.

**Philarmônicas.**—Não tem. As mais perto são Coja, Barril (freguezia de Villa-Cova) e Avô.

**Pessoas a mencionar.**—Declaramos que não temos presentemente dados sufficientes para fazer a biographia de algumas pessoas, que deviamos mencionar aqui. Desculpem-nos porém os nossos amigos e queridos patricios, agradeçam-nos porém a nossa boa vontade e desejo. A freguezia é essencialmente agricola e a terra algum tanto commercial, principalmente no tempo

das fabricas dos phosphoros aqui. Ainda assim não tem deixado de produzir homens de uma certa notabilidade; os quaes muito se honram e honram a terra e a freguezia.

Além das pessoas de que já falámos (vid. *Escola de Instrucção Primaria e Presbyteros*) temos a mencionar os seguintes:

José Joaquim, pessoa que goza geraes sympathias na freguezia, assignante de varios jornaes, honrado proprietario, gozando e possuindo uma certa fortuna, grangeada dignamente á custa do seu trabalho nas roças da nossa Ilha de S. Thomé, onde viveu alguns annos.

Dr. Albino Antonio Xavier, parente materno do auctor d'estas linhas. Tinha muito boas as suas cartas de Formatura em Direito, mas nunca usou d'ellas para fins alguns; nunca requereu logar algum vantajoso; entregava-se á agricultura; hoje já é fallecido.

Padre Antonio Dias. Parente materno do auctor d'estas linhas; profundo na theologia, habilitando para a vida ecclesiastica muitos alumnos, que de varias terras aqui vinham leccionar-se com elle; era de bons costumes e por conseguinte de boa moral; era tambem official do Santo Officio.

José Dias Quaresma. Empregado muitos annos na Casa da Moeda, segundo tio materno do auctor d'estas linhas; tambem já fallecido.

Padre Antonio Dias Quaresma, irmão do antecedente; religioso de Santo Antonio. Depois da expulsão dos frades foi capellão de um navio, e ha annos falleceu em Lisboa, onde era capellão.

Padre Antonio Soares Correia, natural do logar da Dreia d'esta freguezia. Foi Parocho Encomendado alguns annos n'esta freguezia da Bemfeita e depois na de Antusede e Aldeia dos Dez d'este Bispado.

Padre Joaquim Florindo Soares Correia, irmão do antecedente, tambem fallecido. Foi Parocho collado na freguezia de Revelles e ultimamente n'esta freguezia.

Padre Albino Simões Dias Cardoso, bom tio e padrinho do auctor d'estas linhas. Depois de Capellão na Capella da Moura, freguezia de Avô d'este Bispado, foi Parocho collado alguns annos na freguezia de Pedrogam Grande d'esta diocese, onde falleceu e onde gosava de geraes sympathias tanto de pobres, como de ricos.

Padre Manuel Simões Dias Cardoso, irmão do antecedente, fallecido na cidade do Porto no dia 19 de Agosto de 1880, para onde tinha ido em commissão de exames de Instrucção Secundaria. Era Professor de Latinidade no Lyceu de Coimbra e Arcediago da Sé da mesma cidade; examinador synodal e Professor no Seminario Episcopal de



Coimbra. Morreu na idade de 73 annos e mais valiosa do que a sua fortuna deixou aos parentes uma herança de honra escrupulosa e de trabalho indefesso. A sua biographia resume-se em pouco. Pobre, enriqueceu, trabalhando e economisando muito; modesto ergueu-se a uma elevada posição social á custa do proprio merito. Era um dos poucos latinistas considerados no paiz e deixa um livro muito util para o ensino da lingua de Cicero. Nunca faltou aos deveres de Professor nem aos mandados da justiça. Por vezes lhe foram offerecidos altos cargos na hierarchia ecclesiastica, recusando-os sempre com exemplar isenção. Na hora extrema lembrou-se dos seus parentes e dos seus amigos mais intimos (vid. *Districto de Vizeu*, 1880, n.º 85).

Dr. Luiz Antonio de Figueiredo. Ainda vive. Foi juiz em S. Paulo de Loanda e no Continente em varias comarcas; actualmente é juiz da Relação do Porto.

João Anastacio de Figueiredo, irmão do antecedente, dotado de um bom character e de exemplar comportamento; falleceu quando andava a estudar na Universidade de Coimbra, afim de se formar na Faculdade de Direito.

Dr. José Simões Dias. Eis-nos chegados a um dos homens mais prestimosos e mais trabalhadores; não admira que o seu todo indique mais idade do que tem.

Nasceu elle em Fevereiro de 1844. Estudou primeiras letras (Instrucção Primaria) com o Professor Regio d'esta freguezia Padre Antonio Nunes Teixeira. Aos dez annos foi estudar Latindade para a Villa de Pedrogam Grande, patria do auctor da *Miscellanea*, Miguel Leitão de Andrade.

Depois, filho sempre do seu trabalho, estudou em Coimbra n'um só anno todos os preparatorios (Instrucção Secundaria) começando logo a exercer o ensino particular de Instrucção Primaria, Portuguez, Francez, Latim, Latindade, Rhetorica e Philosophia, ganhando creditos de grande humanista. De 1860 a 1868 foram seus discipulos quasi todos os estudantes de Coimbra. Tem o curso de Theologia no Seminario Episcopal de Coimbra; e alliando ao Professorado particular os seus estudos universitarios, concluiu em 1868 a sua formatura (bacharel em Theologia), tendo alcançado em todas as disciplinas as primeiras distincções litterarias.

N'esse anno foi aberto concurso para o provimento das primeiras e unicas cadeiras de ensino profissional secundario, que em Portugal se crearam. José Simões Dias ganhou sobre todos os concorrentes classificações taes, que logo em Dezembro foi despa-

chado Professor vitalicio da cadeira de Legislação, Economia rural e Administração Publica na cidade de Elvas, para onde partiu depois de ter casado em Coimbra com a bondosa e excellente senhora D. Guilhermina da Conceição Simões Dias, que falleceu de parto, logo no primeiro anno do seu casamento, juntamente com a filhinha, o que foi para o Dr. José Simões Dias transe da maior desconsolação, magua e dôr. Como dissemos o Dr. José Simões Dias foi e é ainda um trabalhador incansavel; admira como não tenha ainda esgotado as forças.

Não obstante os seus estudos primarios e secundarios, bem como o seu ensino primario e secundario, para satisfazer a seus mestres e discipulos, elle dedicou-se ás Musas e foi um poeta, senão da primeira ordem pelo menos distincto; foi tambem jornalista, escriptor e romancista. Na poesia escreveu as seguintes obras:

*Mundo interior, Poemas lyricos, Hostia de Ouro, Livro das Canções e Rimas*, quasi todas mais do que uma edição, sendo depois reunidas em dois grossos volumes com o titulo de *Peninsulares*.

A *Hostia de Ouro* é um poema heroe-comico; foi escripto na cidade de Elvas na sua casa dos Falcatos, que defrontava com aquella em que Diniz da Cruz e Silva escrevera o seu poema (tambem heroi-comico) *O Hyssope*.

No jornalismo assignalou-se e muito se distinguiu com os seus escriptos em varios jornaes de Coimbra, Elvas, Lisboa e Vizeu. Em Coimbra foi redactor dos jornaes *A Chrysalida*, *A Folha* e a *Academia*. Em Elvas foi redactor do jornal *A Democracia*. Em Lisboa foi redactor dos jornaes *Correio da Tarde*, *Globo* e *Tempo*. Em Vizeu foi redactor dos jornaes *Liberdade* e *Districto de Vizeu*. Como escriptor publicou as seguintes obras de critica e historia: *Compendio de Historia Patria, Manual da Composição Litteraria* (Didactica, Rhetorica e Poetica), *Historia da Litteratura Portuguesa* (Biographia e Bibliographia) *Instrucção Secundaria* (Discurso Parlamentar), *Curso de Philosophia Elementar* (traducção), *Historia da Philosophia* (traducção), *Reforma da Instrucção Secundaria*.

Como romancista escreveu: *Contos em Prosa, As Mães, O Peccado, Flor do Pantano de Carlos Rubio* (traducção). Todas estas obras vêm annunciadas na capa do seu ultimo livro de critica *Reforma da Instrucção Secundaria*. O seu livro *Manual da Composição Litteraria* (Didactica, Rhetorica e Poetica) foi escripto em tempo de ferias de 1894 na Cerdeira em casa do auctor d'estas linhas e na Figueira da Foz. Quasi todas estas obras tem mais do

que uma edição e têm merecido os louvores da imprensa. Além d'isto já como estudante, já como Professor tem manifestado os seus valiosos trabalhos de propaganda na imprensa e a sua eloquencia nos comicios e assembleias. O impulso que o seu talento soube dar á organização partidaria do *Districto de Vizeu* grangearam-lhe a confiança com que o circulo de Mangualde o honrou, elegendo-o seu deputado em côrtes nas eleições de 19 de outubro de 1879.

(Continúa).

ALBINO S. D. C.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Para memoria do 2.º centenario do Padre Antonio Vieira (S. J.)

Genio, que entre heroes mil sobresaia  
Em nobre patriotismo,  
E grande na gigantesca Companhia  
Do sabio mysticismo,  
Onde se juntam com prazer talentos,  
Que são mais tarde do saber portentos:

Agua de grande vôo, que polerosa  
Pairára sobranceira  
Sobre essa nuvem negra e tumultuosa  
Da diplomacia: Vieira,  
Politico subtil, sereno, lendario  
As honras mereceu do centenario.

O padre grave e santo missionario,  
Que vae, por obediencia,  
A mostrar no sertão esse sacrario  
De fé, virtude e sciencia  
Da religião christã: bem nos merece  
Boa memoria com louvor, ou proce.

Amante, como foi, da patria historia,  
Que se tornou mais rica  
Com a do Vieira, d'este povo a gloria,  
Que mais o glorifica:  
Seu nome venerando vê-se escripto  
Em mente, coração, metal, granito:

Das letras patrias mestre proficiente,  
Em galas abundante,  
Que formam da eloquencia rica enchente,  
E tornam mais galante  
A lingua portugueza tão senora  
Cá terra dentro, como lá mar fóra:

Echo vibrante, timbre da eloquencia  
Sublime, encantadora,  
Que leva o pensamento na opulencia  
Da mais risonha aurora,  
Em ondas perfumadas com olores  
Das mais estranhas e mais lindas flôres.

Sím: flôres por ti, Vieira, recolhidas  
Nos largos horisontes  
Das doutrinas do céu aqui trazidas,  
F'ra ser perennes fontes  
De vida santa, celestial, divina,  
Pelo alto ser, que os genios illumina,

Flôres; por ti da criação tomadas,  
Ou do jardim da sciencia,  
Ou n'essa mente, tão fecunda, nadas.  
Na rica florescencia,  
Que ao mundo deu com profusão as flôr's,  
Inveja dos mais cultos oradores.

Oh! Vieira, lá na gloria te contemplo,  
Gosando eterna calma;  
Teu nome aqui na academia e templo,  
Como orador, a palma  
Se leva com razão e mil louvores,—  
Apçstol, e orador dos oradores.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**LIVRO DE OIRO** do Padre Antonio Vieira (recopilação, com biographia e notas) que os snrs. Avelino de Almeida e Manuel Santos Lourenço acabam de publicar, editado pelo snr. Antonio Dourado, é, na verdade, um livro de oiro.

Divide-se em tres partes. A 1.<sup>a</sup>—O *livro d'oiro*, tem varios trechos de Vieira, subordinados aos titulos de Deus, o homem, a alma, a virtude, a fé, a esperanza, a caridade, a oração, a pureza, a boa vontade, a obediencia, o conselho, o mundo, a vida, o tempo, a tentação, o peccado, a vaidade, a ambição, a sensualidade e a cubiça, a confissão, a penitencia, a Eucharistia, as graças de Deus, a morte, o juizo, a eternidade, o inferno, o céu, o sacerdocio e o pulpito.

A 2.<sup>a</sup>—*Apologia*—trata de Santa Maria, S. José, S. João Baptista, S. Pedro, S. João Evangelista, S. Lucas, S. Bartholomeu, Santo Estevão, S. Sebastião, Santo Agostinho, S. Francisco de Assis, Santo Ignacio de Loyola, Santo Antonio, S. Francisco Xavier, S. Gonçalo d'Amarante, S. Roque, S. Pedro Nolasco, Santo Estanislau Kostka, Santa Catharina, Santa Thereza de Jesus, Santa Barbara, Santa Iria e a rainha Santa Izabel.

A 3.<sup>a</sup>—*Mozaico, religião, moral e philosophia*—trata do Rosario, respeitos e dinheiro, a vida e a fama, amor e ignorancia, amor e odio, a maledicencia, estatuas de marmore e estatuas de murta, abnegação de principe, Jonathas e David, a paz, as cidades ás portas dos ministros, vocações, Judith patriota, o favoritismo, o rico avarento, morte do infante D. Duarte, descri-

ções de Lisboa, Asia e Potosi, cartas ao principe D. Theodosio, ao Padre Francisco de Moraes e uma carta circular.

Todos estes trechos são escrupulosamente escolhidos e colleccionados com muito criterio.

Abre o livro com uma extensa biographia do Padre Antonio Vieira muito bem escripta e documentada, que se lê com gosto.

O livro tem a approvação do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha.

O *Livro de Oiro* é, incontestavelmente, uma das melhores publicações commemorativas do nosso grande Padre Antonio Vieira.

Recommendamos a sua aquisição aos nossos leitores, convictos de que lhes recommendamos um livro preciosissimo.

Parabens aos ex.<sup>mos</sup> snrs. Avelino de Almeida e M. Santos Lourenço, bem como ao benemerito editor.

Custa 500 reis. Pedidos a Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 165, Porto.

Agradecemos a offerta.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Valle de Josaphat

(Vid. pag. 171)

**N**ÃO precisa de descripção esta gravura.

### S. Hypolito, martyr

(Vid. pag. 177)

Este santo cuja memoria tem sido celebre em Hespanha desde os primeiros seculos da nossa era, foi um dos principaes officiaes do imperador Valeriano, a quem confiou a custodia de S. Lourenço, logo que o mandou metter em prisão por se ter recusado a sacrificar aos deuses. Tinha Hypolito, ainda que gentio, nobilissimos sentimentos, impressionavel por consequencia ás palavras do illustre martyr, dirigidas ao ponto de o attrahir ao conhecimento da verdadeira religião. Os muitos milagres que obrou o santo em todo o tempo que esteve no carcere acabaram de determinar a conversão de *Hypolito*, o qual, desenganado inteiramente com as instrucções de Lourenço dos nescios delirios das superstições pagãs, abraçou a fé com toda a sua familia, recebeu o baptismo, e desejava sómente que se lhe offerecesse occasião de dar testemunho da mesma fé. Era tal o impeto d'esse desejo que se não fôra S. Lourenço ter-lhe observado que ainda não era

tempo, haveria-se declarado por occasião do seu martyrio.

Chegou Valeriano a saber que Hypolito havia dado sepultura ao corpo do illustre martyr; sentido de que um official seu assim tivesse procedido, mandou prendel-o e que o conduzissem á sua presença. Lançou-lhe em rosto esta acção, indigna, segundo cria, de um romano, respeitador dos deuses do imperio. Hypolito, ao contrario, mostrou que era um acto de piedade mui estimado entre christãos; declarou que elle e sua familia, graças aos esforços de S. Lourenço, haviam recebido o baptismo com a fé christã; que para elle era summa honra poder fazer esta publica profissão.

Valeriano, fôra de si, dá ordem de o despojar de todas as insignias militares, de contundir-lhe a bocca blasphema, de o estenderem depois no chão e de o açoitarem como um escravo. A ordem executou-se escrupulosamente; mas como o martyr se mostrava sereno, requintou de barbaria, mandando-lhe descartar o corpo com garfos de ferro, até que lhe apparecessem os ossos. O athleta insigne soffreu este, como soffrera os outros demais tormentos, sempre sereno e revelando uma alegria que era um pasmo.

O tyranno recolheu pois as garras, e mudou de tactica.

Quiz que levantassem o martyr, que de novo lhe vestissem as insignias militares; prometteu-lhe os primeiros cargos do imperio no caso de á sua ordem sacrificar aos deuses, como antes de o ter prevertido Lourenço já fazia. O esforçado soldado de Jesus Christo repelliu, como era de suppor de sua fortaleza, propostas tão indignas, e mostrou-se satisfeito por se lhe proporcionar occasião de dar testemunho de sua fé e de seu amor á verdadeira religião.

Então desesperando o tyranno de poder seduzil-o, manda-lhe confiscar todos os bens e degollar todos os membros de sua familia: o que longe de o prostrar, lhe dava alento para animar a cada um a soffrer um incommodo momentaneo pelo prazer immenso da gloria que os esperava.

Esta heroica attitudo mereceu-lhe a sentença de morte, preso a quatro cavallos indomitos, e assim alcançou a desejada coroa do martyrio, a 13 d'agosto de 258. Recolhido de noite o corpo de Hypolito e de seus dois illustres companheiros por um presbytero, chamado Justo, se lhe deu honrosa sepultura no predio de certa matrona, chamada Cyriaca, no campo Verano, onde os fieis lhe tributaram a honra e veneração correspondente.

S. Hypolito é padroeiro do Mexico, onde é celebrado com grande enthusiasmo.

## RETROSPECTO

### Maravilhosa visão do rei da Escocia

Este piedoso rei tinha o costume de mandar celebrar todas as manhãs o santo sacrificio da Missa n'uma capella proxima aos seus aposentos. Assistia a ella com muita devoção, mas uma manhã sentiu-se incommodado, e não se levantou da cama. O seu capellão começou a celebrar o Sacrificio Incruento á hora do costume, e o rei teve em sonhos esta visão:

No momento em que o Sacerdote fazia a oblação do pão e do vinho viu uma columna, que apoiando-se nos corporaes, se elevava ao alto, penetrando nos céos e chegava até o throno da Magestade de Deus. Um formosissimo menino, sobre a columna, apparecia circundado de tanta belleza e gloria, que separava a claridade do sol: o Sacerdote parecia transformado n'um resplandecente crystal: tal era o esplendor de que estava revestido, e quando com o signal da cruz benzia a hostia, aquelle formosissimo menino inclinava-se a receber a benção.

O rei maravilhou-se com semelhante espectáculo, e a sua admiração augmentou quando o Sacerdote repetiu tres vezes o *Agnus Dei*, e no momento da paz viu o menino em pé dar o osculo da paz ao Sacerdote.

O que mais o surpreendeu foi a occasião da communhão, porque emquanto parecia que era o Sacerdote que com sua propria bôcca se alimentava com o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, affigurava-se-lhe que o mesmo sacerdote era maravilhosamente avocado pelo Senhor, ficando o Sacerdote em seu ser e integridade, verificando-se assim o que disse Santo Agostinho fallando em nome de Christo: *«Cibus sum grandium, cresce et manducabis me: nec tu me mutabis in te, sed tu mutaberis in me.»*

O rei, cada vez mais estupefacto, ergueu a sua possante voz, dizendo ao Sacerdote: Porque não recebe o Corpo de Christo? E o Sacerdote respondeu: «O que tu vistes é a incorporação que Deus faz de mim em si proprio.» Então o rei pediu ao Sacerdote que lhe dissesse quem era aquelle menino tão bello e rodeado de tanto esplendor, e o Padre respondeu: «E' o meu e o teu Senhor, superior a todos os senhores, Rei dos reis, e amo e dono de todo o mundo.»

O rei inclinou-se humildemente implorando a misericordia d'aquelle divino Rei, pedindo-lhe a graça da sua benção.

O menino, levantando a sua mão direita, abençoou o rei dizendo: «Aben-

goado sejas por meu Pae, por Mim e pelo Espirito Santo, que dimana de Mim e de meu Pae.» Pareceu então ao rei que o divino menino e o Sacerdote subiam pela columna até ao céo, onde o Filho apresentou ao Eterno Pae os meritos do sacrificio celebrado, voltando o Padre para a terra.

A' voz do acolyto que á ultima oração da missa respondia: *Et cum Spirituo tuo*, o rei despertou e com admiração e alegria começou a pensar n'aquella maravilhosa visão, louvando a Deus. Chamou o capellão e narrou-lhe a visão celestial, exhortando-o a dar gloria a Deus, porque, como repetia aquelle piedoso rei, *A Domino factum est istud, et set mirabile in oculis nostris.*

### Peregrinação dos miraculados de Lourdes

O rev. Padre Picard, principal organisador da peregrinação nacional a Nossa Senhora de Lourdes, acaba de conceber um projecto dos mais curiosos: o de reunir junto das grutas de Massabielle, a 22 de agosto proximo, todas as pessoas que de la 25 annos para cá—data da fundação da peregrinação—acariciam a idéa de ter encontrado ali a saude.

Essas pessoas, cujo numero é consideravel, tomam parte n'uma grandiosa procissão de acção de graças, unica, provavelmente, na historia religiosa.

Teriamos assim, parallelamente, o *train blanc*, o *train des miraculés*. A idéa é original, e constituirá a sua realisação, para a proxima peregrinação nacional, peregrinação de Jubileu, um attractivo de primeira ordem.

### Por salvar uma alma

N'uma conferencia dada em Tolosa em beneficio da obra dos velhos abandonados, o Padre Godean narrou o seguinte edificante caso:

«Uma joven operaria encontrou um dia um pobre velho de oitenta e quatro annos, estendido na rua, porque a falta de alimento e a sua avançada idade lhe impediam dar um passo. Approximou-se d'elle, ajudou-o a levantar-se e levou-o para a sua humilde choupana, onde compartilhou com elle a parca comida que o seu modesto jornal lhe permittia proporcionar.

O velho, agradecido, abençoava a sua bemfeitora, que não pôde impedir as consequências que os estragos da velhice e a miseria tinham feito n'aquella natureza gasta, e cujo fim se approximava. Assim, pois, tratou de preparal-o para bem morrer: mas o velho, ao fallar-lhe de confissão, encolerisou-se e enfadava-se todas as vezes que ella lhe dizia para se confessar; um

dia, não sabendo já que fazer, appellou para um outro meio.—Já que não me quer fazer a vontade, disse, vou-me embora e deixo-o ficar; e dirigiu-se para a porta.

O velho então, cahindo de joelhos e com as lagrimas nos olhos, exclamou:

—Não me abandones, por Deus! e sabe que quem salva a alma d'um semelhante, assegura a salvação da sua.

No dia seguinte, reconciliado com Deus, recebia fervorosamente o Sagra-do Viatico, sendo esta, depois da sua primeira communhão, a primeira vez que commungava, e pouco depois expirava nos braços da sua bemfeitora, a quem devia a salvação da sua alma.»

### Testemunho insuspeito

O snr. Foley, secretario do *Indian Protestant Mission*, falla n'estes termos das maravilhas operadas pelo apostolado catholico na China e nas outras regiões da Asia:

«Os jesuitas, diz elle, fazem rapidos progressos nas quatro provincias de Pekin. Contam cem mil convertidos, cento e cincoenta Padres e cento e setenta escolas sob a unica direcção dos jesuitas na Cochinchina oriental e septentrional. Os progressos dos «papistas» são ainda mais consideraveis na China e na Corêa. Mais d'um milhão e meio de convertidos, mil Padres e oito mil escolas, sem comprehender os collegios e os conventos. Na India e na ilha de Ceylão, os progressos do «romanismo» são admiraveis e não tem precedentes na historia das missões.

### Alexandre III e os nihilistas

Eis um facto pouco conhecido da vida do czar Alexandre III, pae do reinante czar Nicolau II:

Alexandre III ia só na carruagem pelos arredores de Gatchina. De repente observou que o cocheiro apressava a marcha dos cavallo e que a sua escolta ficava distanciada. O cocheiro continuava a fustigar os cavallo, afastando-se do caminho ordinario.

N'uma encruzilhada da estrada, Alexandre III distinguuiu um numeroso grupo d'homens. Comprehendendo que o cocheiro devia ser um nihilista que o levava para uma emboscada de conspiradores, pôz-se em pé no carro, vota as mãos ao pescoço do cocheiro e estrangula o.

Os cavallo pararam; a escolta alcançou a carruagem e os conspiradores fugiram. O czar salvou-se por si mesmo.

### Piedade d'um bom filho

Uma creanga que acabava de fazer a sua primeira communhão, conta uma revista catholica franceza, achava-se bastante desconsolada porque nem seu pae nem sua mãe iam á missa, apesar

das suas reiteradas supplicas para o conseguir; em face da teimosia dos seus paes o menino resolveu ouvir duas missas na semana por intenção de seus paes.

Sua mãe, ansiosa por saber a razão das saídas matinaes do seu filho, seguiu-o um dia, e ao vê-lo sahir da igreja, perguntou-lhe:

—Que vens aqui fazer tão a miúdo?

—Hontem vim ouvir missa por meu pae, e hoje por minha minha mãe—respondeu o menino lançando-se-lhe nos braços.

No domingo seguinte o piedoso e bom filho teve a alegria de assistir á missa entre seu pae e sua mãe.

### Guerra á maçonaria:

N'uma reunião do Grande Oriente, diz o jornal francez *La Croix*, os Ir. M. queixaram-se amargamente da publicação dos seus nomes nos jornaes catholicos. Eis um extracto da acta das sessões:

«O Ir. Richard.—O orador que me precedeu n'este logar pareceu-me não ter na devida conta o perigo clerical e os meios que os clericaes teem á sua disposição para «reduzir os franc-maçõs á compaixão ou para experimentar intimidal-os.»

«Sobre isto, devo narrar o resultado d'uma campanha feita em Chalon-sur-Saône. A *Croix-de-Chalon-sur-Saône* (aliás *Croix de Saône-et-Loire*) procurou saber os nomes dos maç. das duas Loj. franceza e escoceza, publicou-os, e o resultado foi os Ir. commerciantes vêrem desaparecer os seus clientes reaccionarios. Felizmente para muitos d'aquelles, isto não os abalou, porque podiam passar sem estes clientes; mas, emfim, soffreram perdas importantes pela publicação dos seus nomes. Além d'isto, alguns dos nossos Ir. foram obrigados a demittirem-se das Loj. publicamente para evitar o desprezo do publico.

«Eis os resultados da divulgação dos nomes dos maç.; os clericaes estão resolvidos a fazer guerra aos maç. não d'uma fórma activa, mas abstenendo-se de fazer as suas compras aos commerciantes filiados nas Loj.»

«N'estas condições, acho util a inscripção anonyma e seguir a regra da prudencia e, por conseguinte, adoptar o voto das Loj. do leste. Comtudo não me opporei á emenda apresentada pelo Ir. que me precedeu e que diz que só aquelles que o reclamassem gosariam do privilegio da inscripção anonyma.»

### Analyse summaria da agua potavel

Segundo diz a *Technologie sanitaire* de Bruxellas, um meio simples e seguro de reconhecer se uma agua des-

tinada aos usos domesticos não contém materias organicas, é o seguinte:

Toma-se uma garrafa bem limpa e de vidro branco; enche-se até tres quartos da agua a analysar, e depois dissolve-se n'esta uma pequena colher de assucar candi branco e bem limpo. Rolha-se muito bem a garrafa, e deixa-se por quarenta e oito horas n'um sitio quente. Se após este espaço de tempo o liquido se torna leitoso ou apresenta flocos, é impropria para beber. Se, pelo contrario, se conserva limpida, é signal de que não contém substancia alguma que possa ter influencia nociva.

### Monumento a um Santo

Emquanto que todas as cidades de Italia por prepotente impulso da revolução levantam estatuas e monumentos a franc-maçõs, um municipio resolveu elevar um magnifico monumento a um grande santo. E' a cidade de Bagnores que a 13 do corrente, com grande solemnidade e com festas religiosas e civis, inaugurou um monumento em honra do grande doutor da Igreja, S. Boaventura, seu concidadão. N'estas festas tomaram parte muitos illustres personagens de Roma, entre os quaes o Cardeal Parocchi, Vigario geral de Sua Santidade.

### Peregrinação a Lourdes

Está definitivamente fixada a partida da peregrinação portugueza a Lourdes para o dia 16 de agosto. A peregrinação sahirá do Porto, no comboio das 7 horas e 23 minutos da manhã. A peregrinação franceza começa a chegar a Lourdes no dia 20.

Nos caminhos de ferro do Minho e Douro já a commissão da nossa peregrinação obteve abatimentos importantes para passageiros de 2.ª e 3.ª classes, que irão com bilhetes de grupo. Os de 1.ª não terão abatimento.

Os passageiros do sul devem ir pela linha da Beira Alta e encontrar-se em Fuentes San Esteban com o grosso da peregrinação. D'este modo economisam tempo e dinheiro. Aquelles, porém, que assim o quizerem, podem acompanhar a peregrinação do Porto.

Como a inscripção dos peregrinos ainda continua, não foi possivel ultimar as negociações com os caminhos de ferro estrangeiros. Está-se, porém, em combinações, que se devem fechar até ao fim do mez. Oportunamente daremos explicações.

Para que os peregrinos portuguezes cheguem no dia 17, ao fim da tarde, a Lourdes, é mister tomar o expresso de Medina a Hendaye, que só leva carruagens de 1.ª classe. E' n'esse expresso que a peregrinação seguirá.

Para as despezas obrigatorias em

França (com 8 dias de demora em Lourdes) é necessario que cada peregrino leve pelo menos 150 francos ou 6 libras em ouro.

Para as despezas em Hespanha 150 pesetas. A peseta está a 205 reis e o franco a 267 reis.

Algumas pessoas nos teem perguntado quanto se gastará na viagem. Segundo calculos seguros, (entrando n'isto o agio das libras ou francos e das pesetas) os peregrinos de 3.ª classe gastarão 55\$000 reis; os de 2.ª, 65\$000 reis; e os de 1.ª 75\$000 reis. Dinheiro portuguez é preciso levar pouco; mais tarde se dirá quanto.

Para que não haja difficuldades em Lourdes, é conveniente que os sacerdotes vão munidos com as suas dimissorias.

## EXPEDIENTE

A todos os snrs. assignantes a quem mandamos cobrar pelo correio o debito de mais d'um anno das suas assignaturas, pedimos o favor de mandarem saldar as suas contas até ao dia 25 de setembro proximo, aliás ser-lhes-ha suspensa a remessa do jornal.

Igual pedido fazemos a todos os snrs. assignantes das ilhas e do estrangeiro, com a differença de que esperamos pela liquidação dos seus debitos até ao fim do corrente anno; findo este praso e não satisfazendo o que devem, não mais receberão o jornal.

A'quelles que satisfizeram promptamente a sua divida, quando lhes foi apresentado o recibo, agradecemos reconhecidos. Infelizmente o numero d'estes é muito restricto, pois de mil recibos que enviamos para o correio apenas foram cobrados uns duzentos! Os restantes foram devolvidos com a nota: **Avisado, não pagou.**

Não sabem, talvez, estes senhores assignantes que, além do transtorno que nos causam não pagando pontualmente as suas assignaturas, nos fazem gastar inutilmente doze reis em cada recibo, que é por quanto nos ficam todos os que não sejam cobrados.

Alguns ha que não sympathisam com a cobrança feita pelo correio. Para evitar, pois, esse inconveniente, devem mandar satisfazer a sua assignatura a tempo.

Outros ha que, recebendo o jornal tres, quatro e mais annos sem pagar, devolvem-n'o a pretexto de que não continuam a assignal-o por termos mandado cobrar a importancia do seu debito pelo correio!

Em compensação o *Progresso Catholico* tem amigos, poucos sim, mas dedicados, a quem deve muitos serviços.

O administrador,

VICENTE FRUCTUOSO DA FONSECA.